



| | |
|-------------------|---|
| Evento | Salão UFRGS 2015: V FEIRA DE ENSINO E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA |
| Ano | 2015 |
| Local | Porto Alegre - RS |
| Título | Os signos do aprender: experiências com o ensino de matemática na educação básica |
| Autor | GABRIEL DUMMER CAMARGO |
| Orientador | LISETE REGINA BAMPI |

Quando pensamos no ensino da matemática, vêm à nossa memória, geralmente, imagens de fórmulas, números, exercícios, etc. São situações onde a memória é exigida. No entanto, ela não está sozinha no movimento do aprender. Neste trabalho, focalizamos ações docentes em sincronia com alguns meios teóricos que possibilitam pensar esse movimento do aprender, como os “signos” de Gilles Deleuze em sua obra “Proust e os signos”. Para tanto, buscamos a criação de atividades que expressassem experiências com o aprender enquanto decifração destes signos. Nesta busca, produzimos oficinas, observando, simultaneamente, a necessidade de uma sensibilidade aberta de professores e alunos aos encontros que podem despertar o pensar e não apenas estados da memória.

As oficinas foram realizadas com alunos do Ensino Médio de uma escola pública na cidade de Canoas, RS, vislumbrando possibilidade de os alunos expressarem-se através de um pensamento próprio, social e singularmente construído, e não apenas por meio de regras a serem seguidas. Entre as oficinas desenvolvidas destacamos: “Perguntas de uma Pesquisa”, “Como dividir um bolo?” e “O sorteio”. A primeira sustentou-se na questão: “O que é importante saber numa pesquisa de coleta de dados de uma população?”. Na segunda oficina, a questão norteadora foi: “Como dividir um bolo redondo entre três pessoas sem que ninguém se sinta injustiçado?”. E na terceira, por sua vez, a questão lançada aos alunos foi: “Como realizar um sorteio entre três pessoas utilizando apenas uma moeda e o sorteio no cara e coroa?”.

Cada oficina foi realizada entre dois a quatro encontros de aproximadamente quarenta minutos, onde os alunos, em grupos, buscavam soluções para os problemas apresentados. Tais soluções deveriam ser organizadas e escritas de forma concisa, sendo que o bolsista intervinha, problematizando as soluções parciais obtidas por eles, dando dinamismo e proporcionando debates acerca dos caminhos a seguirem em suas respostas. Tais oficinas possibilitaram formas de aprender matemática para além de fórmulas, em movimentos diversos e singulares: pensando, conversando, escrevendo, expondo ideias, aprimorando-as, usando-as de alguma forma para chegar a uma resposta. Da análise de dados, passando por frações, geometria e chegando aos princípios da análise combinatória, fluíram processos de pensamento. Neste movimento, houve encontros com os signos do aprender: com os signos mundanos das informações e dos dados dos exercícios propostos; com os signos amorosos que os impulsionaram a tentar decifrar aquilo que está desconhecido em meio ao problema exposto; com os signos sensíveis, movendo-se em várias direções, tentando decifrar, problematizando os resultados para tentar aperfeiçoá-los. Em um movimento que é, também, da memória, percebemos encontros com os signos da arte, onde o aprender se manifesta. Movimento que perpassou os mundos dos signos: da mundanidade, do amor, fluindo entre o sensível das experiências e à arte do aprender.